

NA SUA HISTÓRIA

Ilha de Idugo terá primeira maternidade

*Notícias, Zambézia em foco, 30.04.2021, Pág. 68
Ed. nº 31.286*

NEYD AMOSSE

UMA maternidade, com a capacidade de seis camas e outros serviços sanitários, está em construção na Ilha de Idugo, no distrito de Quelimane, na Zambézia.

Trata-se da primeira infra-estrutura sanitária a ser construída na história daquela ilha e a mesma vai beneficiar mais de dez mil pessoas que percorriam mais dez quilómetros para ter cuidados de saúde básicos. A infra-estrutura sanitária está a ser construída com fundos desembolsados pela embaixada do Japão e visa dar dignidade à população da ilha que estava desprovida de qualquer tipo de assistência sanitária mais próxima.

José Manuel da Conceição, patrono do projecto, diz que perante as dificuldades que a população de Idugo enfrenta, a associação que dirige desenhou um projecto que mereceu atenção da embaixada japonesa. Afirmou, durante a cerimónia de lançamento da primeira pedra, que a população de Idugo vai respirar de alívio, principalmente as mulheres em serviço de parto que eram transportadas em bicicletas, depois em canoas para chegar à unidade sanitária mais próxima.

“Isso retirava a dignidade das mulheres e de todos os doentes. Por isso, pedimos ao empreiteiro a cumprir os oito meses do prazo para a construção”, disse José Manuel da Conceição, para quem a unidade sanitária representa a concretização de um sonho.

A Ilha Idugo é uma região do distrito de Quelimane, localizada na localidade Supinho, 35 quilómetros da capital provincial da Zambézia.

A população, maioritariamente vivendo de pesca e produção agrícola, cujos rendimentos são fracos, tem todo o tipo de careências, desde escolas, centro de Saúde, água potável, o que tem reflexo na sua vida. Maria Filomena Garfo, uma das tantas mulheres que vivem em Idugo, não conseguiu conter as lágrimas de emoção ao ver o lançamento da primeira pedra para a construção da maternidade. Entrevistada pela nossa Reportagem, a propósito, pediu mais respeito às mulheres geradoras de vidas e acredita que a unidade sanitária vai dar-lhes mais dignidade.

Segundo Garfo, neste momento, as mulheres têm apenas duas escolhas, ou fazer parto pelo caminho a caminho do centro de Saúde, localizado a dez quilómetros, ou ter um parto de risco assistido por matronas. Entretanto, o administrador distrital de Quelimane, Mário Vida, que fez o lançamento da primeira pedra, acredita que o sofrimento das mulheres parturientes vai chegar ao fim dentro de oito meses quando a maternidade estiver concluída. Segundo ele, a maternidade é bem-vinda, mas o desafio do Governo é construir uma unidade sanitária completa. Vida adiantou que o plano já foi feito e os cálculos indicam para um investimento de 25 milhões de meticais e, neste momento, o governo distrital está a mobilizar recursos públicos e de parceiros.